

O objeto na psicanálise

Paulo Fernando de Queiroz Siqueira

Falar de objeto na Psicanálise é quase paradoxal,
pois ele não apresenta nenhuma objetividade,
embora também não possamos qualificá-lo de subjetivo.

A questão do objeto é algo fundamental na clínica psicanalítica. Na Torre de Babel que constitui o movimento psicanalítico hoje em dia, um consenso é talvez possível em torno de uma asserção: a função do analista numa análise é função do objeto que ele representa para o analisando. As divergências recomeçam quando tentamos definir o objeto que ele representa, pois a concepção deste objeto difere radicalmente de uma escola psicanalítica para outra.

O fato é que a noção de objeto não somente evoluiu, mas sofreu uma mudança mais do que significativa desde Freud até o momento atual da teoria psicanalítica.

E existe ainda por cima uma dificuldade essencial para se definir o objeto da Psicanálise. Esta dificuldade resulta da natureza mesma deste objeto. Falar de obje-

to na Psicanálise é quase paradoxal, pois ele não apresenta nenhuma objetividade, como acontece com os objetos das ciências positivas como a Química, a Física etc. No entanto, embora este objeto só seja experimentado através da subjetividade de um sujeito em análise, tampouco podemos qualificá-lo de subjetivo.

Este objeto tem como único suporte a palavra que se profere numa análise. A partir desta constatação pode-se deduzir que ele é simbólico, pois dependente da estrutura simbólica que é própria da linguagem. No entanto, para Lacan, este objeto é real e não somente simbólico ou imaginário, como poderíamos supor

Paulo Fernando de Queiroz Siqueira — psicanalista brasileiro, radicado na França. Esteve ligado à *Association Psychanalytique de France*. Atualmente está ligado à *École de la Cause Freudienne*.

baseando-nos no fato que o deduzimos da versão imaginária da fantasia inconsciente e de sua transposição simbólica na linguagem falada.

Freud introduziu a noção de objeto a partir de um dos seus conceitos fundamentais, o conceito de pulsão, que segundo ele tinha uma base bem real, ou seja, uma fonte de excitação situada nos principais orifícios do corpo (boca, ânus).

Entre os quatro elementos que, segundo Freud, constituem a pulsão, o objeto seria justamente o componente mais contingente, variável e sobretudo substituível. Estas características o diferenciam do objeto biológico do instinto, que é fixo e hereditariamente determinado, fazendo parte de uma montagem orgânica da qual depende a sobrevivência do indivíduo. Ora, o objeto da pulsão não é organicamente predeterminado, mas é de certo modo constituído, construído através das experiências de satisfação, dos traumas e das vicissitudes atravessadas pela criança nos primeiros anos de vida.

Uma das características mais paradoxais deste objeto, porém, é que Freud o define desde o começo de sua trajetória como um objeto perdido. Mais tarde, por exemplo no seu artigo sobre *A Negação*, Freud define a relação *sui generis* que o objeto tem com o real. Nesse artigo ele define o princípio de realidade como uma função psíquica que permite ao sujeito buscar na realidade um objeto perdido. A partir do traço mnésico deixado no inconsciente pela experiência de satisfação, o sujeito alucina o objeto tal qual existe na memória inconsciente.

Depois de Freud, coube a Karl Abraham a introdução de uma modificação fundamental na noção freudiana do objeto: a divisão deste em objeto parcial e objeto total. Esta dualidade do objeto vai ter algumas conseqüências de primeira importância para a teoria e a prática da Psicanálise. Entre estas, salientamos a concepção kleiniana do obje-

Freud introduziu a noção de objeto a partir de um dos seus conceitos fundamentais, o conceito de pulsão, uma base bem real: uma fonte de excitação no corpo.

to, que definiu duas posições essenciais do desenvolvimento psíquico em função do objeto em causa na relação do sujeito e do outro: a posição esquizo-paranóide, que concerne os objetos parciais (bom e mau, seio, fezes, pênis bom ou mau no corpo materno etc.) e a posição depressiva, correlativa da constituição de um objeto total (pai e mãe bons ou maus etc.).

Um outro autor contemporâneo, que muito contribuiu para revolucionar nossa concepção atual do objeto da Psicanálise, foi Winnicott. Sua invenção do objeto transicional foi o ponto de partida para uma nova tomada de posição do psicanalista no tratamento, graças a uma concepção criacionista do objeto, na qual o analista desempenha uma função de agente ativo e partilha com o analisando um campo a ser descoberto e produzido por ambos. Este campo, também chamado de transicional, implica que o objeto é não um dado mas um achado do tratamento analítico.

Nos anos 50 houve uma preponderância no movimento psicanalíti-

co internacional da noção de relação de objeto, que, retomando certas noções de Karl Abraham, dava um cunho evolucionista e normativo à atividade psicanalítica. A formação psíquica do sujeito é concebida então como uma sucessão de estágios que levam o indivíduo, das fases mais arcaicas da relação com os objetos parciais, até uma maturidade psicosexual, representada pela relação heterossexual a um objeto total, definida em termos de "amor genital". Uma concepção psicanalítica desta ordem implica um desvio significativo da ética da Psicanálise. O tratamento psicanalítico se encontra assim subordinado às normas sociais e mesmo à moral coletiva, que acredita que a finalidade da Psicanálise consiste em liberar o indivíduo dos traços infantis da sexualidade.

Para Freud, a divisão do sujeito entre os restos de sua sexualidade infantil e o que se chama de vida adulta é algo de irredutível, pois a sexualidade do adulto é condicionada pelo desejo infantil, indestrutível por definição.

Porém a divisão mais radical da relação do sujeito ao sexo se encontra, segundo Freud, na necessidade que o obriga a obedecer a uma lógica dupla da sexualidade: uma primeira lógica corresponde à fase pré-genital da sexualidade; uma segunda lógica, que começa com a fase genital, e que se exprime em termos fálcos e traduz em significação fálica os objetos parciais da primeira etapa da vida sexual do indivíduo.

Esta concepção freudiana é claramente estabelecida num artigo de 1923 intitulado *A Organização Genital Infantil*. Num outro artigo de 1917 (*Sobre as transposições da libido, mais particularmente do erotismo anal*), Freud deixa no entanto se estabelecer uma certa ambigüidade na sua definição destas duas lógicas, quando afirma a possibilidade de uma equivalência entre os objetos parciais e o falo (excremento = dinheiro = presente

= bebê = pênis). Porém sua conclusão deste artigo de 1923 sobre a fase fálica é inequívoca.

“É importante que nos representemos as transformações da polaridade sexual que nos é familiar durante o desenvolvimento libidinal infantil. Uma primeira oposição aparece: uma escolha de objeto que de fato pressupõe sujeito e objeto. No estágio da organização sádico-anal, ainda não se trata de masculino-feminino. A oposição dominante é então ativo-passivo. No estágio seguinte da organização genital infantil existe certamente um masculino mas não um feminino. A oposição que se enuncia neste estágio é órgão genital masculino e castrado”. No fim do artigo Freud acrescenta: “O masculino reúne o sujeito, a atividade e a posse do pênis; o feminino perpetua o objeto e a passividade”.

O objeto e o complexo de castração

Em outras palavras, para Freud, na fase pré-genital, existe um transitivismo e uma espécie de complementaridade entre sujeito e objeto. Esta complementaridade Freud a exprime em termos de atividade e de passividade. Ora, mais tarde e sobretudo na fase fálica, Freud descobre que a polaridade ativo-passivo não corresponde ao binômio masculino-feminino. Mais ainda, nesta fase, Freud se depara com um verdadeiro paradoxo, que é a não existência no inconsciente do sexo feminino, o que reduz o binômio masculino-feminino à oposição fálico-castrado, ou seja, a uma não-relação entre os dois sexos que se apresentam assim como não-complementares. Este impasse lógico próprio da fase dita fálica do objeto é o que Freud denomina de complexo de castração.

Este impasse se torna para Freud o obstáculo fundamental do término de uma análise: é a conclusão a que ele chega no seu célebre artigo *A Análise Terminada e Análise Interminável*. A tendência que vai

Lacan diferencia de maneira rigorosa o objeto da necessidade (de ordem biológica) e o objeto do desejo dependente do desejo do outro.

então predominar entre os analistas pós-freudianos é justamente de contornar este impasse. Assim os kleinianos que colocam em segundo plano o impasse entre os dois sexos para pôr em relevo as dificuldades próprias à relação com o objeto pré-genital. Na última etapa da elaboração kleiniana, por exemplo, a “inveja do bom seio” ou “o seio idealizado” constitui na teoria o obstáculo fundamental para o término de uma análise e também o que explica a “reação terapêutica negativa” (Cf. *Inveja e Gratidão*, verdadeiro testamento teórico de Melanie Klein).

A crítica lacaniana do objeto

Jacques Lacan foi o último grande autor da Psicanálise a retomar a concepção freudiana do objeto, criticando de modo radical a prevalência no movimento psicanalítico pós-freudiano da noção de relação de objeto. No seu seminário de 1958-59 sobre a *Relação de Objeto*, justamente, Lacan, ao mesmo tempo que promove a noção do significante e o primado do falo a partir de uma retomada da análise freudiana da fobia, reformula a noção de objeto. Primeiramente através de

uma crítica do evolucionismo reinante na teoria oficial, Lacan problematiza a teoria dos estágios evolutivos da libido e diferencia de maneira rigorosa o objeto da necessidade (de ordem biológica) e o objeto do desejo dialeticamente dependente do desejo do outro. Esta crítica vai resultar alguns anos depois (1962-63) no seminário sobre *Angústia* na elaboração de um novo conceito de objeto, o objeto (a).

Vale salientar que não é a lógica do significante através da qual Lacan formaliza a dialética do desejo que lhe serve de porta de entrada para a invenção do objeto lacaniano, mas o afeto freudiano por excelência, a angústia. Porém em contraposição a Freud, Lacan sustenta que “a angústia não é sem objeto”, e que é o único afeto que não engana.

No entanto, a concepção lacaniana do objeto integra os progressos teóricos introduzidos por Melanie Klein, particularmente o Édipo Precoce, ou seja, a incidência do falo na relação ao objeto pré-genital. Um dos fantasmas mais precoces descobertos na análise kleiniana inclui o pênis paterno entre os conteúdos do corpo materno, juntamente com os outros objetos parciais que a criança “descobre” na sua primeira relação com o Outro (seio, fezes, bebê etc.). Baseado neste achado kleiniano, Lacan rompe com uma concepção evolucionista dos estágios libidinais e promove uma análise estrutural destes estágios, incluindo na fase pré-genital os efeitos da significação fálica.

Levar em conta a incidência da significação fálica sobre o objeto pré-genital permite a Lacan formular de uma forma lógica e precisa a noção freudiana do “objeto perdido”. Esta noção enigmática da Psicanálise ganha um novo sentido com Lacan porque ele define a falta do objeto como uma operação articulada em três níveis sincrônicos (imaginário, real e simbólico) nos quais três fatores entram sempre

em jogo: o sujeito e o objeto, claro, mas também o Outro como agente da operação. Esta noção do Outro, embora percebida já por Freud e presente desde o início da Psicanálise sob a forma da “sedução”, toma uma outra dimensão graças a Lacan. Outros autores, como Winnicott, tinham também formulado algo em torno da constituição do sujeito sob a dependência da mãe, porém a ausência de uma tomada em consideração da função da palavra impedia a elaboração de uma concepção estrutural do sujeito e reduzia a ação do Outro sobre o sujeito a uma relação dual.

Correlativamente a esta articulação da problemática do objeto em três níveis e composta de três termos, Lacan nos propõe uma nova versão do Complexo de Édipo que integra ao mesmo tempo a concepção kleiniana de um Édipo Precoce: o Édipo “lacaniano” é constituído em três tempos que não são cronológicos mas lógicos, e que pode ser resumido num esquema derivado daquele que ele propõe no seu Seminário sobre a *Relação de Objeto*.

Tentamos colocar em relevo o que foi a contribuição de Freud e de Melanie Klein e de Winnicott, que Lacan levou em conta na sua elaboração.

Melanie Klein e de Winnicott, que Lacan levou em conta na sua elaboração deste esquema, mas sobretudo na diferenciação dos diferentes modos de perda do objeto.

a) A Frustração

A frustração é definida por Lacan

objeto real extraído do corpo do outro (o seio por exemplo). Já Freud descrevera a importância do objeto primordial como modelo do objeto perdido pela criança. Mas foi Melanie que mais aprofundou o fenômeno da frustração ligado a esta perda. Melanie Klein descreve a frustração nestes termos: “a criança aspira ao seio de uma maneira inescrutável e onipotente”. Na problemática kleiniana, é da frustração que resultam dois afetos fundamentais na relação da criança ao seio: a inveja e a avidez. Ora, nós sabemos a importância que a inveja passou a representar na última fase da teoria de Melanie Klein, definida por ela como “um sentimento de cólera que o sujeito ressentido quando teme a posse pelo outro de algo desejável, de um objeto de gozo”. A inveja segundo Klein tem uma ligação intrínseca com a destrutividade, pois seu objetivo não é somente se apoderar do objeto de gozo do outro mas também estragá-lo, destruí-lo.

Também relacionada com a inveja e a pulsão oral, a avidez é uma outra tendência importante ligada ao sentimento de frustração do seio: “desejo imperioso, insaciável”, diz Klein, “que vai além daquilo que o sujeito precisa e do que o objeto pode fornecer”. A avidez leva o sujeito a desejar esvaziar, esgotar e devorar o seio.

O que é evidente, quando lemos atentamente os exemplos kleinianos relacionados com a inveja e a avidez, é o caráter imaginário destas operações que se referem sempre a um objeto que faz parte da imagem do corpo: seio, pênis (bons ou maus), quase sempre incluídos no corpo da mãe.

O que Klein negligencia é a função exercida pela mãe nesta operação. Lacan introduz então a noção de agente, que vem nos esclarecer sobre um fato evidente nesta experiência infantil, ou seja, que a mãe não é de modo algum passiva, que ela age de modo eficaz enquanto Outro diante da criança que de-

ESQUEMA LACANIANO DO OBJETO E OS 3 TEMPOS DO ÉDIPO

	ÉDIPO I FRUSTRAÇÃO	ÉDIPO II PRIVAÇÃO	ÉDIPO III CASTRAÇÃO
Operação	Imaginária	Real	Simbólica
Agente	Mãe simbólica	Pai imaginário	Pai real
Objeto	Real	Simbólico	Imaginário

Frustração, Privação e Castração

Para melhor ilustrar a problemática própria de cada tempo do Édipo, segundo Lacan, escolhemos uma abordagem fenomenológica destas três operações. Para isto tentamos colocar em relevo o que foi a contribuição de Freud e também de

como uma operação imaginária. Isto quer dizer que a perda de objeto visada na frustração concerne algo relativo à imagem do próprio corpo do sujeito e/ou do corpo do outro. Por outro lado, a frustração resulta da demanda. A demanda da criança junto à mãe toma a forma de uma exigência sem limite de um

manda o seio ou outro objeto. Mas Lacan vai mais adiante na definição da mãe como agente da frustração, pois ele nos demonstra que a mãe que frustra vai constituir, graças à alternância de suas presenças e de suas ausências, a primeira instância simbólica para a criança. Presenças e ausências diante do apelo da criança que definem uma positividade e uma negatividade, ou seja, uma sucessão de (+) e de (-) que constituem o esboço de um sistema simbólico equivalente a uma linguagem.

Graças a esta instância simbólica representada pela mãe, tudo o que o bebê manifesta (gritos, choro, comportamentos corporais diversos ligados às funções de nutrição e de excreção etc.) vai ser integrado num sistema significante. Assim sendo toda experiência de frustração, embora imaginária, é estruturada pelo significante. Esta instância simbólica é portanto estruturante pela simples razão que ela permite articular o significante e o real da experiência da frustração.

Winnicott descreve esta estruturação da experiência dizendo que a mãe oferece o seio no mesmo momento em que a criança o alucina. Isto significa simplesmente que o seio da mãe já tem para o bebê uma inscrição significante, e que no momento da amamentação o real do seio responde ao significante seio.

A diferença entre Winnicott e Lacan neste nível é que, ao contrário de Winnicott, Lacan não concebe que haja adequação entre o significante e o real, donde a frustração. A frustração é, portanto, para Lacan estruturalmente inevitável, pois há sempre desencontro entre o significante e o objeto de satisfação. Podemos então dizer que tanto Melanie Klein quanto Winnicott tendem a confundir dois momentos distintos da experiência oral, que são a alucinação do seio e a experiência de satisfação do seio. No entanto, Freud deixou bem claro que a constituição do desejo era função não do investimento do seio

Lacan é próximo de Winnicott quando este diz que ele não conhece nenhum bebê só, mas sempre um bebê e sua mãe.

real, mas do traço mnésico deixado no inconsciente pela experiência de satisfação durante a amamentação. Neste caso, a alucinação do desejo é estruturalmente ligada à articulação significante da frustração. Ao mesmo tempo, é graças a esta hipótese de uma articulação significante da experiência infantil que Lacan pôde enunciar que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Ao mesmo tempo, Lacan atribui à mãe, como agente simbólico da frustração, uma função determinante na estruturação do inconsciente do sujeito "infans", porque enquanto Outro do significante ela é pelo seu discurso a introdutora do sujeito no universo propriamente humano, que é um universo de linguagem.

Assim Lacan vai enunciar um dos seus axiomas fundamentais, ou seja, o inconsciente é o discurso do Outro. Isto lhe permite também estabelecer que o Outro é prévio, ou seja, que o Outro precede o sujeito na existência. Esta asserção lacaniana se opõe logicamente à hipótese freudiana de um narcisismo primário. Neste sentido, Lacan é próximo de Winnicott quando este autor diz que ele não conhece nenhum bebê só, mas sempre um bebê e sua mãe.

b) A Privação

Esta operação introduz na experiência da perda do objeto uma outra dimensão do Outro, que é real. Segundo Lacan, isto acontece quando a mãe não responde ao apelo da criança. Enquanto a experiência de frustração era correlativa de uma resposta do real ao significante, a privação resulta de uma não-resposta do real ao significante. Ou seja, quando a demanda da criança que constitui um apelo dirigido ao Outro simbólico não encontra uma resposta, pode-se dizer que uma outra dimensão do Outro aparece, que é real pois autônoma e independente do significante enunciado pelo sujeito. Ora, esta mãe que se apresenta ao sujeito como autônoma, independente dos efeitos do significante que ele articula nos seus apelos, constitui-se então como instância todo-poderosa, pois só responde quando quer. A privação é por consequência a experiência que introduz na criança a questão do desejo do Outro.

Esta questão sobre o desejo do Outro exige uma resposta. Esta resposta, pressionada pela angústia, leva a criança a imaginar o pai como pólo de atração para o desejo da mãe. É assim que surge justamente o Pai Imaginário em posição de agente da privação do sujeito. Neste caso o objeto que era real na frustração (o seio, por exemplo), torna-se simbólico na privação. Esta mudança do estatuto do objeto perdido na privação deve-se ao fato que, quando a mãe todo-poderosa dá ou recusa não mais para responder ao apelo, mas em função do desejo dela, o objeto dado ou recusado vai simbolizar o dom ou a recusa de amor pela mãe.

Foi Winnicott o autor psicanalítico que mais aprofundou a fenomenologia da privação na criança. A sua invenção do objeto transicional é um produto desta problemática. O objeto transicional, segundo Winnicott, é justamente um objeto qualquer (pedaço de tecido, de

cobertor etc.) que na ausência da mãe (ou seja, nos momentos em que ela não pode responder aos apelos da criança) pode representar o amor dela junto à criança. Devemos também ressaltar que o objeto simbólico da privação é no mais das vezes um objeto que não é ligado às necessidades fisiológicas do sujeito, como o seio na frustração.

Observe-se que para Winnicott, mesmo se o objeto transicional corresponde a uma falha da mãe diante do apelo da criança, sua função é impedir a emergência da angústia e da questão sobre o desejo do Outro. "Pode-se dizer", escreve Winnicott, "que existe um acordo entre nós e o bebê sobre o objeto transicional que nos impede de colocar a questão: essa coisa você a concebeu ou ela lhe foi apresentada de fora? O que é importante é que não se espera nenhuma decisão sobre este ponto, a questão mesma não tem que ser formulada." O objeto (a) de Jacques Lacan se situa em contraponto ao objeto transicional de Winnicott. O objeto (a), em vez de acalmar a angústia, emerge com ela e introduz a questão do desejo do Outro, constituindo de certa maneira a resposta na fantasia inconsciente a este desejo. Ou melhor, uma resposta que se apresenta como causa do desejo.

Lacan define o Objeto Transicional como "o representante do ganho obtido pelo sujeito em relação à dependência do Outro, na relação do sujeito ao Outro da demanda". Neste sentido, este objeto constitui uma vitória sobre a angústia provocada no sujeito pelo desejo do Outro, no que este desejo tem de enigmático para o sujeito. Onde o efeito reconfortante e tranqüilizante do OT, pois como se sabe este objeto permite à criança adormecer tranqüila. Em conseqüência, enquanto o OT se apresenta como o que supre a falta a ser do sujeito, o objeto (a) é o índice desta falta. Assim sendo, o objeto (a) é correlacionado com a angústia de castração, enquanto o OT encobre totalmente

Desta diferença entre concepções do objeto da Psicanálise resultam duas concepções opostas do sujeito do Inconsciente.

esta angústia. O objeto (a), revelando-se através da angústia, revela a falta de significante no Outro e por conseguinte no sujeito, deixando emergir a impossibilidade de se representar o gozo do Outro, a não ser em termos de objeto.

Desta diferença entre duas concepções do objeto da Psicanálise resultam duas concepções opostas do sujeito do Inconsciente. Lacan, definindo o objeto como suplência à falta de um significante no Outro, define o sujeito como privado de ser. Para Winnicott é o contrário: sua concepção de um *self* verdadeiro o conduz a conceber um sujeito que é um ser pleno e autêntico. Assim o fim da análise para Winnicott se define como reencontro do sujeito com o seu ser, ou seja consigo mesmo; para Lacan, este fim corresponde à queda do objeto representado pelo psicanalista e por conseguinte, à confrontação do sujeito com o des-ser (*désêtre*).

c) A Castração

Como se sabe, a castração é um dos conceitos fundamentais de Freud e um elemento central de sua doutrina. Sua importância para os destinos do Complexo de Édipo na

criança é a tal ponto crucial que, segundo Freud, sua repercussão na estrutura do sujeito é decisiva para o fim de uma análise (cf. *Análise Terminada e Análise Interminável*).

Lacan define a castração como uma operação simbólica sobre um objeto imaginário (o falo) efetuada por um agente (o pai real). Essa definição de Lacan é estritamente freudiana. Mas Lacan aprofunda dois elementos desta definição, que são o falo e o pai real.

Quanto ao falo, Freud não o diferenciava do pênis real, e Lacan procurou melhor definir este conceito tirando as conseqüências do que diz Freud. Ou seja: Freud diz que a criança começa acreditando que todos os seres humanos têm um pênis e que a descoberta da ausência de pênis na mãe lhe faz pensar que ela foi castrada pelo pai, daí seu temor de também ser submetido à castração. Lacan sublinha, simplesmente, que o complexo de castração surge de uma criação imaginária da criança, que é o "pênis materno", que podemos chamar de falo para diferenciá-lo do pênis real. Por outro lado, ele nos demonstra que o estatuto inconsciente do falo é simbólico, pois a castração efetuada na neurose ou deduzida no mito de Édipo não concerne um pênis, mas um outro órgão corporal que o simboliza: Édipo se pune furando os olhos quando descobre o seu crime incestuoso e parricida, e nas histerias de conversão a mais das vezes se trata de paralisia de um membro, de perda da voz ou da vista.

Outra elucidação importante feita por Lacan é o estatuto deste pai real no complexo de castração. Não se deve confundir este pai e o genitor da criança. O pai operador da castração é um pai que depende da estrutura significante, na qual ele se posiciona como depositário do objeto do desejo da mãe e também como detentor legítimo desta. A castração se deduz então como uma renúncia ao gozo incestuoso que

engaja o sujeito a reconhecer uma Lei (de proibição do incesto) e a depender do pai para a obtenção do título fálico. O falo então vai funcionar no complexo de castração como dádiva ou como dom que o pai pode outorgar ou não à criança, para uma investidura futura do sujeito.

Só quando o sujeito atravessa esta operação da castração é que, ele integra na sua estrutura inconsciente a significação fálica dos objetos de gozo. Isto quer dizer que a partir da castração o sujeito reconhece que o acesso aos objetos implica uma dívida, uma subtração, uma perda. Esta integração da castração pelo pai real se traduz no inconsciente pelo que Lacan define formalmente como metáfora paterna. Esta fórmula, que Lacan introduziu no seu famoso artigo sobre *Um Tratamento Possível da Psicose*, se escreve assim:

Nome do pai	Desejo da mãe	NP (A)
Desejo da mãe	Significado ao sujeito	Falo

Esta fórmula significa que, através da instauração da metáfora paterna, o desejo do sujeito passa a ter uma significação fálica. Assim sendo, a inscrição da perda do objeto em Nome do Pai constitui a diferença essencial entre castração e privação. Uma coisa é dispor de um significante do Outro para significar sua ausência: é caso famoso exemplo do carretel dado por Freud; na ausência da mãe a criança provoca o aparecimento e o desaparecimento do carretel manipulado por um cordão, acompanhando esta ação da enunciação de dois vocábulos (Fort - Da). A privação da mãe é assim simbolizada pelos significantes do Outro. Outra coisa é significar esta ausência da mãe em função do desejo desta pelo pai que é o detentor do falo. Somente neste caso podemos falar de castração, pois a apropriação do falo pelo pai se faz então (na fantasia inconsciente) pela subtração do falo do sujeito e da mãe. ■